



Em 20 de julho encerramos o primeiro ciclo de encontros formativos do Programa **Bibliotecas Comunitárias na UFPE e UFPE nas comunidades**. Nesse quarto encontro de 2021, contamos com a participação de 29 pessoas, entre bolsistas do programa de extensão, equipes das bibliotecas comunitárias, equipe do CEEL e convidados. O tema desse encontro foi “Acessibilidade comunicacional para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e a biblioteca comunitária”, com exposição da professora Rafaella Asfora, membro do programa de Extensão e do CEEL e especialista na área de educação inclusiva.

A marca dessa formação foi o diálogo, com destaque para as vivências compartilhadas por membros das equipes das bibliotecas sobre pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo nas comunidades e a apresentação de informações trazidas pela palestrante acerca de algumas características que podem explicar alguns comportamentos de pessoas com TEA e orientações sobre como intervir de forma a contribuir para uma maior inclusão social. Todo o debate evidenciou como precisamos encontrar estratégias de comunicação e de socialização para assegurar a participação de pessoas com TEA nos espaços das bibliotecas.

A mediadora de leitura Isamar Martins, coordenadora da biblioteca do CEPOMA, compartilhou a sua angústia ao receber crianças com TEA, considerando que cada uma pode ter características e demandas muito diferentes. Diante dessa inquietação, Rafaella orientou que o princípio central para abordar a pessoa com TEA é tentar conhecer a criança, quais os seus interesses e questionar: “quem é essa criança, o que a motiva, que tema ela gosta?”. Esta é a porta de entrada para se comunicar e oferecer coisas que atendam às suas necessidades. Além disso, indicou que é importante tentar evitar estímulos sensoriais que sejam incômodos por sua hipersensibilidade para assim “oportunizar que ele se expresse com as habilidades que tem”.

Já Vania Silva, da Biblioteca do Poço da Panela, relatou a convivência com duas crianças que frequentam a biblioteca e ponderou que precisamos nos perguntar que elementos demandam de nós mais atenção para que estejamos mais sensíveis às necessidades de quem vive no espectro autista. Ela nos questionou: “Como a gente interage, como são nossos padrões mais usuais? Temos desenvolvido o que Rubens Alves chama de ‘escutatória’?”. E ponderou: “A normatividade pode carregar problemas”. Nessa mesma direção Rafaella ressaltou que uma questão central é “superar barreiras atitudinais, no sentido de mudar nossas ações e ampliar nossa capacidade de escuta, de valorizar o potencial de cada um, de reconhecer e respeitar a neurodiversidade e estilos cognitivos diferentes. O importante é ter empatia e entender e valorizar a diversidade presente na sociedade”.

Maria Betânia, coordenadora da Biblioteca Popular do Coque chamou a atenção para a necessidade de cuidar das mães de crianças com TEA, que também precisam de ajuda e apoio.

A bolsista Emanuely agregou, ainda, um relato acerca da importância das famílias para assegurar o direito à educação e para que ocorra a recepção das crianças nos ambientes das escolas. As famílias precisam ser vistas como parceiras, conforme argumentou Rafaella e lembrou: “Esse tema da relação família-educação, está assegurado nas diretrizes e referências legais, mas falta muitas vezes esse acolhimento e escuta às famílias para orientá-las e apoiar principalmente as mulheres que precisam ser apoiadas”. E concluiu: “a grande questão é a necessidade de uma mudança na sociedade para quebrar barreiras para a inclusão de todos. É preciso ouvir e estar atento para o que as pessoas com TEA têm a nos dizer para poder desenvolver atitudes mais inclusivas.”

Como avaliação do encontro, alguns participantes registraram suas impressões no chat:

“Estou adorando pois essas informações são muito importantes para nós que vivemos em espaços com crianças diversas. Como é importante a inclusão dessas crianças nos espaços de leitura.” (Betânia, BPC)

“Muito boa essa orientação de olhar a criança pelo que ela tem de habilidades, interesses e não olhando apenas para os limites.” (Ester Rosa, CEEL).

“Amei o encontro, Rafa! Conteúdo muito esclarecedor para mim. Gratidão!” (Helen Santos, CEEL)

“Obrigada pela palestra maravilhosa, anotei e aprendi muito.” (Caroline Evaristo Paraiso da Silva, bolsista de extensão)

De um modo geral, concluímos que é importante sensibilizar todas as pessoas que frequentam o ambiente da biblioteca para que entendam as diferentes formas de comportamento, ao mesmo tempo em que não discriminem e tenham uma postura mais inclusiva com as pessoas com TEA.

Como desdobramento desse encontro, a proposta é retomar esse debate em outros encontros de formação e em projetos de intervenção nas bibliotecas.